

COSMOPOLITISMO: A HISTÓRIA DO PONTO DE VISTA DA FELICIDADE

Raimundo Barroso Cordeiro Jr.*

"O fim natural de todo homem é a sua própria felicidade". (I. Kant).

1- INTRODUÇÃO

A elaboração de discursos explicativos da existência humana demarca a necessidade de se atribuir um sentido (*Zweck*) à vivência coletiva, constituindo-se em um esforço de compreensão ontológica que fomenta uma justificativa teleológica da vida. São as narrativas míticas, as profecias religiosas, as utopias litero-políticas e as filosofias crítico-rationais.¹ Os objetivos comuns a todos eles são: discernir sobre o propósito da presença do homem no mundo e assegurar a identidade das pessoas com a coletividade. Comumente falam da gênese da humanidade, embora se dediquem a explicitar a finalidade da espécie humana, buscando a razão subjacente à experiência de vida (*Erlebnis*). Os modelos míticos se estruturam em uma representação circular dos eventos, na apreensão positiva de uma ética dos exemplos construtivos e na produção ilusória de uma ordem cósmica. A religião por sua vez, instala-se na linearidade do tempo revelado e na promessa de um devir glorioso que está para além da vida. Em ambos, pode-se observar o intuito de abrandamento dos imperativos da exterioridade a partir da domesticação, mais ou menos consciente, daquilo que se chama destino (*Fatum*). No caso dos crítico-rationais, a idéia fundante é a do esclarecimento (*Aufklärung*) enquanto processo de auto-aperfeiçoamento, emancipação individual e coletiva, bem como de

* Professor de História Contemporânea da UFPB. Doutorando em História Social na Unicamp.

¹ Por exemplo, as teogonias greco-romanas, o universalismo cristão, a filosofia teológica da história, a filosofia iluminista da história, etc., são manifestações desse fenômeno cultural.

desencantamento do mundo. São escatologias que amparam a fragilidade humana e lhe concedem um significado apaziguante. Mas são também juízos de valor que orientam a conduta humana, tendo em vista o estabelecimento de sistemas normativos condizentes com a idéia de consenso e de acordo. Uma atitude contra o caos do conhecimento e a anomia no mundo moral.

Muitas dessas tentativas de contenção do imponderável se transformam em filosofias de vida e projetos sociais, concorrendo a adesões, agregando prosélitos e simpatizantes. O sucesso que podem conquistar está diretamente relacionado com a sua eficácia persuasiva, tornando-se assim um desejo coletivo. A sua autoridade resulta do apoio crente que se lhe faculta, dispensando-se as provas da veracidade de seus postulados. Sem dúvida, um espaço propício para se discutir a manifestação arquetípica dos sentimentos humanos de culpa, angústia e medo, bem como seus opostos imaginados: a felicidade, a paz e a intrepidez.

No interior mesmo de alguns desses discursos, podemos encontrar um ideal de natureza ético-universalista, o cosmopolitismo (*Weltbügersinn*), cuja origem remonta ao período clássico da civilização greco-romana. Uma aspiração que se propõe construtora de novas sociabilidades baseadas na fraternidade sem limites. Uma sensibilidade de feições estético-teológicas que se coloca no território da imaginação utópica, isto é, uma proposição instituinte de uma nova experiência de mundo (*Welterfahrung*)². É também uma *praxis* que se afronta com a tradição e os preconceitos chauvinistas, permitindo ao cosmopolita (*Weltbürgerlich*) fazer uso de conceitos, tais como amor, solidariedade e perfeição, em defesa de uma nova e necessária ética como *conditio sine qua non* da felicidade humana.

Vivemos, entretanto, um momento histórico em que é possível se falar da desmitologização da natureza como uma

² A presença desse ideal pode ser identificada nas éticas estoica e epicurista, no utopismo da alta Idade Média, no humanismo renascentista, nos socialismos, etc.

realidade de fato, visto que a ciência instrumental tem disponibilizado o máximo de controle das contingências externas ao homem. Neste sentido, convivemos com um nível relevante de esclarecimento do real, o que representa, paradoxalmente, a possibilidade de autonomia do indivíduo, tanto quanto a esterilização da vida simbólica³. As importantes mudanças que vêm marcando este fim de século, especialmente aquelas que denotam a chamada globalização, são elementos suficientemente oportunos para que se faça uma análise crítica das conquistas relativas à humanização do homem, confrontando-as com aqueles ideais próprios ao argumento cosmopolita. Interrogar, pois, o *estar sendo* das sociedades ocidentais contemporâneas a respeito daquela vontade antiga atinente à realização plena do homem, adotando como escala de verificação os valores racionalistas e antropocêntricos da modernidade.

Convém, pois, refletir se diante da diminuição do tamanho geo-espacial do mundo, ratificada pelos transportes de alta velocidade, pelos *mass media*, e pelas *infoways* e, paralelamente, do seu crescimento político-cultural coroado pelo sucesso do modelo liberal-democrata, os fundamentos éticos para o aperfeiçoamento humano do homem encontraram enfim, as condições de possibilidade de virem a se estatuírem efetivamente numa prática mundializada. Sem pretendermos recuperar todos os discursos sistemáticos que comportam o ideal cosmopolita, recorreremos a alguns exemplos que consideramos paradigmáticos - o estoicismo grego⁴ e a filosofia kantiana da

³ Este entendimento ambíguo do significado do esclarecimento aparece em Max Weber: "O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo 'desencantamento do mundo' levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes" (*Ciência como Vocação*, pg. 51), e por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*. "(...) o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo". Pg.19.

⁴ Apesar do epicurismo ter muito a esclarecer sobre o tema do cosmopolitismo, a escolha do estoicismo se justifica por sua maior sistematicidade como corrente filosófica. Sobre as suas afinidades e semelhanças nos diz Heller: "As duas apareceram no momento da decadência da polis grega e as duas se propagaram e popularizaram na Roma dos césares. Ambas se viram obrigadas a enfrentar-se com a dissolução da moral e da solidariedade comunal e ambas buscavam uma solução individual para a questão 'como viver': como viver o sábio, por suposto, já que o estoicismo e o epicurismo antigos foram sempre concepções de mundo aristocráticas e só acessíveis a elite". (1980:106-7).

história - com a finalidade de viabilizar uma crítica da cultura hodierna. Enfim, antes de elaborarmos uma exaustiva “história da idéia cosmopolita”, ela nos servirá *hic et nunc* de estímulo para darmos o primeiro passo rumo a uma reflexão sobre os (des)caminhos da modernidade⁵.

2- COSMOPOLITISMO COMO IDEAL DE MUNDO

Os historiadores da filosofia indicam como origem do cosmopolitismo grego, o universalismo ético do pensamento cínico, um dos ramos filosóficos emergentes no período helênico⁶, momento em que predomina o ecletismo oriundo das relações entre as culturas grega e oriental. Sabe-se que a ética adotada pelos cínicos, filósofos como Antístenes e Diógenes, repudiava a noção de família e de pátria (*Polis*) como instituições naturais, pregando um comportamento baseado no autodomínio e na auto-suficiência, conseguidos através do exercício do ascetismo⁷. Isto é, uma crítica às ambições, às convenções e às leis, em nome da virtude desenvolvida pela educação dos desejos. Antístenes, por exemplo, “...pregava o amor livre, a comunidade de mulheres e filhos”. (Mosterin. 1985:43)⁸. Diógenes, conhecido por sua conduta despojada e radical, declarava a todos que “não reconhece obediência nem a Sinope, onde nasceu, nem a Atenas, onde vive, que ele se considera cidadão do mundo, *kosmopolitês*, cosmopolita”. (Mosterin. Ibidem:45). Ou seja, sentenças impertinentes que revelam o espírito da época (*Zeitgeist*) e denunciam a decadência do *status quo*.

Na continuidade do pensamento cínico, a filosofia estoica se constituirá como apologia do “bom viver”,

⁵ Neste texto nosso interesse se limita a recuperar algumas idéias cosmopolitas para, posteriormente, refletirmos sobre estes valores no contexto da atualidade mundializada.

⁶ Período que começa com a conquista do Oriente por Alexandre Magno e finda com a conquista definitiva da Grécia por Roma. Séculos III-I a.C.

⁷ “Para eles, as idéias e o indivíduo valem mais do que a administração e a coletividade”. Adorno e Horkheimer, In: Op. Cit., pg. 199.

⁸ Mais tarde, no século XIX, socialistas como Ch. Fourier - O Novo Mundo Amoroso -, K. Marx e F. Engels - O Manifesto do Partido Comunista -, não falar de amor, poligamia, comunidade de mulheres, etc. No século XX esse ideário foi retomado nas demandas por uma vida alternativa pelo movimento hippie.

defendendo a tese de que todo conhecimento - filosofia/ciência - deve desenvolver o seu potencial prático, voltando-se para a construção de uma vida feliz, renunciando ao hábito especulativo das gerações anteriores. O fundador dessa escola, Zenon de Cicio, sintetizou os ensinamentos da ética cínica e a lógica dos megáricos⁹, compondo um conjunto de proposições muito aceito e divulgado entre os cidadãos gregos e os estrangeiros. A ética estoíca estabelece a temática do cosmopolitismo como idéia central do seu pensamento. Como diz Finley:

"O estoicismo, a filosofia que prevaleceu durante a época helenística, começava proclamando a irmandade de todos os homens, submetidos por igual a uma mesma lei divina; mas, em um sentido negativo ou passivo, o saber e a virtude exigia a indiferença em relação as dores e aos prazeres materiais, a riqueza ou a pobreza, a escravidão e o desfrute dos direitos cívicos". (S/d:188). Os fundamentos e propósitos da praxis estoíca se alinhavam, portanto, à esperança no surgimento de um novo homem e de um novo mundo.

Os seus principais representantes chegam a Atenas e se estabelecem como filósofos, dando início a um tempo de denúncia contra a obsolescência dos valores e um alargamento das relações entre os mundos. Propugnam um outro padrão de conduta em oposição ao bairrismo pedante e ao artificialismo das elites, especialmente aqueles setores remanescentes do período áureo da polis¹⁰. Uma prescrição para o desprendimento em face dos bens materiais e os prazeres fugazes da sensualidade¹¹. Sua principal característica era ser "...uma teoria do uso prático da razão, isto é, do uso da razão como o fim de estabelecer o acordo entre a natureza e o homem". (Abagnano.

⁹ A escola megárica foi fundada por Euclides de Mégara, discípulo de Sócrates. O pensamento megárico se caracterizou pela defesa de teses parmenídeas sobre a unidade do todo, a existência da mudança e o bem. Alguns de seus membros desenvolveram-se no estudo da lógica.

¹⁰ Neste caso, Platão é um bom exemplo. Segundo Heller etc. "foi o último filósofo da polis e seu estado ideal, com sua ontologia correspondente, estava destinado a salvá-la; o desmoronamento desta esperança foi a tragédia de sua vida, segundo nos informa sua célebre carta sexta". (Op.cit.:107).

¹¹ Zenon defendia o cosmopolitismo, a auto-suficiência do indivíduo, uma comunidade de mulheres e o incesto. Era contra o casamento. As máximas do estoicismo são: viver conforme a natureza, a razão e a si mesmo.

1979:29). Acrescentam à ética o fundamento do rigor moral, ou seja, a noção de dever (*Kathêkon*) enquanto uma ação humana que se realiza de acordo com os imperativos da lei moral. O dever se resume nas obrigações que orientam o sujeito decidido a viver a experiência da razão. O lugar de destaque dado ao comportamento individual, não implica dizer que o estoicismo tenha se reservado somente a formulações éticas, interessou-se também pela lógica e pela teoria do conhecimento.

A existência de uma lei natural única que governe a humanidade, é condição indispensável para a construção de um contexto social isonômico, onde todos os indivíduos são paridades diante dos deveres. Desse modo é possível dar origem a uma unidade ética - a comunidade dos homens - cujo sentido de sua determinação se consolida no projeto de vida marcada pela eudemonia, ou seja, a felicidade virtuosa proveniente das ações morais. Este, sem dúvida, é o raciocínio que substantiva o cosmopolitismo estóico. "O sage não pertence a essa ou aquela nação mas à cidade universal na qual todos os homens são concidadãos" (Abagnano. Op.cit.:34). A felicidade não deve se constituir no alvo de uma conquista individual, mas, tendo como origem o indivíduo, estender-se a todos, promovendo a fraternidade universal.

3- O SENTIMENTO COSMOPOLITA

"A disposição psicológica geral para o advento do cosmopolitismo é inerente ao individualismo". (Max H. Boehm).

Como se viu, a sensibilidade cosmopolita se desenvolve no momento em que as instituições gregas passam por uma inflexão devido à ingerência política macedônica. Os efeitos refletiram no declínio das cidades e na ameaça à hegemonia cultural grega, em face do avanço da cultura oriental permitido pela política colonial. "A perda da liberdade política - primeiro dominada pelos macedônios, depois pelos romanos - alterou profundamente os quadros dentro dos quais a Grécia Antiga vinha desenvolvendo sua experiência cultural e, em particular,

sua criação mais arrojada: a especulação filosófica”. (Pessanha.1980:VII). O momento e o ambiente são propícios para o florescimento do individualismo, na medida em que a ordem sócio-cultural passava a condicionar as decisões a partir de escolhas pessoais. “Como a *polis* havia deixado de ser uma comunidade que tudo abrangia, não mais o centro em torno do qual girava a vida espiritual do homem.

[...] os filósofos induziam o homem a examinar seu interior e a voltar as costas ao mundo da matéria”. (Finley, Op.cit.:188). Esse tipo de comportamento contrariava a filosofia do período clássico, quando se tinha como fundamento da ordem social a preponderância da polis sobre a individualidade e uma ideologia justificadora das desigualdades sociais e da presença do poder administrador. Aristóteles afirmava “...que a polis é anterior e mais importante que o indivíduo, e que as diferenças entre amo e escravo, entre cidadão e estrangeiro, entre heleno e bárbaro estão ancorados na natureza”. (Mosterin, Op.cit.:45).

Pensando assim, poderíamos deduzir que o cosmopolitismo é um sentimento próprio das sociedades onde a multiplicidade de valores acaba por conferir ao indivíduo a tarefa de agir primeiramente em proveito próprio, para em seguida pensar na pátria, nos conceitos morais e religiosos, etc. De uma realidade político-ideológica onde as instituições totais em crise transferem para o sujeito o poder de decidir sozinho consoante o seu julgamento pessoal dos acontecimentos. O indivíduo largado ao desamparo das instâncias reguladoras que antes determinavam as atitudes e dirigiam a sua vida.

“As éticas helenísticas partem à procura do bem individual, de uma sabedoria que represente a plenitude da realização subjetiva: o alcance da perfeita serenidade interior, independente das circunstâncias”. (Pessanha, Op.cit.:VIII).

Enfim, uma situação onde se percebe o rompimento das fronteiras simbólicas da sociabilidade, dando origem a uma tensão insuportável entre o particular e o universal, cuja superação aponta para um universalismo ideal.

O indivíduo torna-se cidadão do mundo, considerando-o de agora por diante como pátria, esquecendo-se do patriotismo chauvinista contido nos limites da nacionalidade¹². Ser cosmopolita é cultivar e manter acesa a chama que envolve e liga todos os homens, sabendo que existe uma regulação que se impõe a todos e os faz iguais diante dos imperativos dessa lei comum. O cosmopolita é um militante vivendo os ditames de uma prática que tem por objetivo construir um universo propriamente humano. O ser que busca incessantemente a felicidade para si e para os outros, como aspiração última de sua existência. Isto é, a luta contra os temores que causam a infelicidade e pelo estabelecimento de uma convivência sincera e tranqüila com o outro.

Cabe ressaltar que o cosmopolitismo é um ideal e que, por conseguinte, instaura-se ao nível do desejo, condicionando-se aos mecanismos próprios da imaginação. Um ideal que se conforma em ser um exercício constante, pois subjaz na consciência do seu adepto a certeza atroz da irrealização. Uma aspiração de conteúdo ético que visa motivar as pessoas a se envolverem em um processo de auto-aperfeiçoamento moral. Diferentemente disso, temos o internacionalismo, cujas características se afirmam na possibilidade empírica de se realizar. O quadro expansionista colonial europeu dos séculos XVI ao XIX, ocupando regiões da África, Ásia e América, pode ser tomado como exemplo de realidade internacional artificialmente criada. Marx já se referiu a ela:

As separações e os antagonismos nacionais entre os povos desaparecem cada vez mais com o desenvolvimento da burguesia, com a liberdade de comércio, com o mercado mundial, com a uniformidade da produção industrial e com as condições de existência a ela correspondente". (1988:84-5).

Durante a Idade Média, dada a posição hegemônica do universalismo cristão, a religião funcionou como um inibidor do

¹² Marx e Engels no Manifesto de 1848 afirmam que: "...os comunistas são censurados por querer suprimir a pátria, a nacionalidade" e retrucam dizendo que "...os operários não têm pátria. Não se lhes pode tomar aquilo que não têm". P. 48.

continuum daquele pensamento racionalista, laico e inconformado surgido no mundo helênico. É certo que a própria Igreja era portadora de uma mensagem universalista ao tomar a humanidade por cristandade, o que significa espalhar por todos os cantos as dádivas e os mandamento do Criador. A fraternidade instituída segundo a narrativa da criação do mundo e dos homens. A partir dos questionamentos levantados pela crítica renascentista, pela Reforma protestante e pelos movimentos filosóficos, apresentaram-se no contexto da cultura ocidental, as condições psicológicas para o surgimento de uma mentalidade cosmopolita secularizada. A efervescência intelectual baseada em concepções antropocêntricos e humanistas do mundo contribuiu positivamente para consolidar o cosmopolitismo moderno. Em síntese, no Renascimento “...aparece uma concepção dinâmica do homem.

O indivíduo possui aqui uma história própria do desenvolvimento pessoal, igual a sociedade que tem por sua parte uma história de seu próprio desenvolvimento.[...] Nesta época é quando nascem como categorias ontológicas imanentes a 'liberdade' e a 'fraternidade'. O tempo e o espaço se humanizam e o infinito se torna realidade social". (Heller. Op. cit.:07).

Na medida em que a cultura moderna vai se compondo daqueles marcos simbólicos tomados de empréstimo do estoicismo antigo, o individualismo e o cosmopolitismo vão se consolidando como “modelo básico de conduta”. Com o advento do Iluminismo esses ideais se tornaram verdadeiras bandeiras da luta contra o obscurantismo, atualizando as demandas que estiveram silenciadas na ordem medieval. A questão da “vontade de saber”, sinônimo de esclarecimento, transformou-se no elemento principal da crítica contra a hierarquização social e os privilégios de classe, a tutela da Igreja na relação do sujeito com a fé e as escrituras, e os laços de submissão aos poderes restritivos do direito individual de julgar.

“O Iluminismo continuando a tradição da Renascença, reabsorve a filosofia estoica da cultura ocidental e deste modo conduziu o

cosmopolitismo para dentro de uma nova época, com um novo significado. Príncipes, diplomatas, poetas, estudantes e intelectuais tornaram-se seus porta-vozes.” (Beohm. Op.cit.: 460).

A partir de então, ser cosmopolita tornou-se um dos requisitos para a formação individual, como um brilho necessário à ilustração dos espíritos livres dos séculos XVIII e XIX. A grandeza intelectual e mundana sendo medidas na razão inversa do provincianismo dos séculos anteriores. Cosmopolitismo e urbanidade passaram a representar os conteúdos indispensáveis à experiência de vida (*Erlebnis*). Na verdade, para o processo de auto-aperfeiçoamento, instituiu-se como parâmetro de plenificação humana, o conhecimento do mundo a partir de uma vivência extragrupal. Conhecer o exótico e o diferente, dar asas à imaginação, deixar-se mover pela força inebriante da intuição. Jogar segundo as regras de um racionalismo hedonista, transformou-se num imperativo pedagógico a todo aquele que pretende conhecer os segredos da vida. Em uma palavra, um estado de espírito que combina o ardor aventureiro e a sensibilidade romântica, objetivando desbravar os meandros do desconhecido.

4- PROPOSIÇÕES PARA UMA HISTÓRIA COSMOPOLITA

“Pode considerar-se a história humana no seu conjunto como a execução de um plano oculto da Natureza, a fim de levar a cabo uma constituição estatal interiormente perfeita e, com este fim, também perfeita externamente, como o único estado em que aquela pode desenvolver integralmente todas as suas disposições na humanidade” (8ª. proposição).

A força fundadora da modernidade no pensamento de Kant remete a reflexão filosófica para as questões da produção do conhecimento, da liberdade e da paz. Pela leitura de textos como “Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita” (1784) “Resposta à Pergunta: Que é o Iluminismo” (1784) e a “Paz Perpétua”(1795/96), percebe-se

que a preocupação com o mundo racional e cosmopolita, será o motor da sistematização filosófica daquele pensador. O seu propósito é explicitar os mecanismos de realização da humanidade em geral, tomando como ponto de partida as idéias de esclarecimento, liberdade e cosmopolitismo¹³. Nenhum desses conceitos, interdependentes no seu cumprimento histórico, podem se tornar reais, a não ser que sejam como um efeito que se propaga sobre todos os homens em nome de sua felicidade. Uma expressão otimista a respeito do aperfeiçoamento humano, elaborado sob o prisma do progresso.

A filosofia kantiana se constitui num esquema baseado na mecânica das leis universais, a partir das quais o sentido das ações pode ser apreendido. Através delas se descobre um curso regular na história que conduz e influencia a existência dos homens. “A filosofia kantiana é uma filosofia da história na medida em que ela é uma filosofia prática”. (Muglione.1992:177). O que torna-os seres diferentes e especiais no plano da natureza, é que eles foram destinados a agirem segundo as regras da razão e sempre pensando em atingir o bem. São, portanto, seres morais cujas atitudes buscam o aperfeiçoamento contínuo. A plena realização das disposições naturais será percebida ao se tomar a espécie humana por inteiro, posto que diferentemente dos outros animais, o progresso humano só é verificável na coletividade. Isto ocorre a partir de uma dialética dos atos que perpassa as gerações, pois os homens do presente não se beneficiam dos frutos de sua *praxis*, deixando-os ao usufruto de sua descendência. O indivíduo - *homem real* (Eu empírico) - sujeito de ações concretas, contextualizado historicamente e exercitando suas inclinações morais, elabora a sua obra em prol da humanidade representada pelo *homem essencial* (Eu transcendental) - sujeito portador das qualidades distintivas da espécie, intemporal e a-histórico.

¹³ É de se notar a singularidade de Kant quanto aos problemas relativos à ação humana em vistas à moralização e ao cosmopolitismo; “embora vivendo na distante Königsberg, longe de Paris e dos grandes centros, sempre teve plena consciência dos problemas sociais e políticos da época e tomou partido favorável à Revolução Francesa, na qual não apenas um processo de transformação econômica, social e política, mas sobretudo um problema moral”. (CHAUI. 1983:VIII).

Agindo de maneira “comparável à razão técnica”, a natureza atribui papéis e funções “com vistas a realizar fins”, e ao homem foi dada a liberdade e a razão para que construa a sua obra moral. A dinâmica da lei natural é avassaladora, independentemente da vontade e da consciência dos sujeitos, as capacidades neles depositadas não importa quanto tempo leve ou quantas desventuras cause. A Natureza se afirma a despeito da vontade contrariada ou do ânimo acomodado. E assim os homens

“...prosseguem sem dar por tal um designio da natureza, que lhes é desconhecido, avançam, como guiados por um fio condutor e trabalham na realização de um propósito, ao qual, mesmo que dele tivessem conhecimento pouca importância dariam”. (Kant, 1985:29).

Este tipo de apologia do progresso se constitui na crença da realização plena da humanidade, através da efetivação dos designios da natureza que trabalham para o surgimento de um mundo esclarecido e cosmopolita. Isso é possível porque o homem faz uso da razão, tornando-se um ser autônomo, cujas ações são tendentes a um fim moral.

O fundamento cosmopolita da filosofia da história de Kant, tem como pressuposto o fato de que os imperativos da razão conspiram contra o egoísmo e a favor da unidade dos interesses e da paz perpétua entre os indivíduos e os Estados. “O verdadeiro ideal da humanidade não é nem familiar, nem mesmo político, mas cosmopolita”. (Muglioni. Op.cit:171). A história universal é, pois, a razão prática que cria o tempo e o espaço do cosmopolitismo que se efetiva por meio do esclarecimento e do direito à liberdade, o esforço despendido pelos homens de todas as épocas para alcançar a humanidade ideal.

“Para pensar a realização da humanidade do homem, é necessário levar em conta todos os homens que compuseram, compõem e comporão a humanidade - a espécie entendida no sentido corrente do termo, como o conjunto do indivíduos que a compõem. Se a humanidade, enquanto espécie vivente sobre a terra, em uma parte é

aquilo que em cada um dos seus indivíduos a lei moral nos impõe de respeitar como um fim em si, ela é também o meio mesmo de realização da humanidade ideal". (Muglioni. Op.cit.:179).

Tornar-se plenamente humanos, perfeitos, requer que a humanidade lute contra os preconceitos e o obscurantismo, utilizando as armas da razão. Atingir esse estágio demonstra uma transformação profunda, reflexo da moralização efetiva de todos e da vitória sobre o medo, a preguiça e a passividade individuais. A passagem do homem, enfim, da menoridade para a maioridade.

A história cosmopolita acredita na natureza comum que unifica todos os homens em torno dos mesmos ideais de aperfeiçoamento. A chispa do fogo divino que os torna iguais e os lança na busca da felicidade. Existe uma alma individual e ao seu lado uma outra que é própria a todos da espécie. Nesta se encontram as qualidades depositadas no indivíduo pela providência e que por sua determinação devem se desenvolver totalmente. Assim, o cosmopolitismo kantiano não sugere refundar uma fraternidade original rompida, nem soldar as fraturas de uma sociabilidade decadente ou apagar as idiossincrasias culturais em nome de um Estado mundial. Mas, porque baseado na razão, pretende encaminhar um encontro no qual todos possam definir estratégias de auto-realização coletiva.

5- A PROPÓSITO DE QUESTÕES ATUAIS.

Como podemos ver, a cultura ocidental traz consigo um ideal que marca as visões-de-mundo desde há muito tempo: o cosmopolitismo como aspiração à fraternidade universal. Na antiguidade clássica, como um apelo racional a uma vida feliz e na modernidade, como um conhecimento do mundo que dessacraliza criticamente as tradições. Apesar das nuances de cada momento histórico, o cosmopolitismo se preserva como inspiração para uma vida consensualmente solidária. Um impulso crítico contra todos os valores que se interpõem à

consecução do bem comum: a felicidade. Mas será que é possível identificá-lo nas práticas sócio-políticas e ético-culturais das sociedades contemporâneas? O esforço militante do movimento ecológico, investidas páldas do pacifismo e a luta pela preservação e alargamento dos direitos civis, bem que permitiriam um vislumbre daquele ideal. Entretanto, as profundas mudanças que a tecnologia associada à ciência operou nas vidas das pessoas, seguramente colocou novas questões sobre o assunto. Além disso, no plano internacional, tem-se verificado a uniformização econômica das práticas produtivas e dos mercados e a instauração de um modelo político liberal, soberano em termos geo-políticos após o fim do bloco soviético. Diante das repercussões e da complexidade peculiar deste momento histórico, vem se utilizando o conceito de globalização como referência teórica para essa realidade em acelerada transformação.

Para muitos, principalmente os adeptos do pensamento liberal em política, a humanidade vive neste instante a melhor das horas e no melhor dos mundos. Aparentemente, o ideal da fraternidade universal está prestes a se confirmar, pois os homens de todos os lugares do planeta estão mais próximos uns dos outros. Essa aproximação formal implica de fato numa alteração qualitativa do *homem essencial*, parâmetro do desenvolvimento humano, ou o que se passa é o declínio da individualidade e a elisão dos sujeitos? É possível identificar neste processo de mundialização uma ética que assegure um consenso de interesses e o acordo das identidades dos indivíduos com a coletividade? Quais são as garantias de que a democracia será preservada nos seus princípios elementares, amadurecidos historicamente através das lutas em nome da liberdade?

Dois pólos diferentes da crítica cultural se tornaram referências obrigatórias para a reflexão sobre os caminhos da modernidade. Os continuadores do pensamento iluminista, defensores dos primados do racionalismo e das bandeiras do esclarecimento como condição de possibilidade da autonomia individual, e críticos da modernidade social, com seus efeitos

alienantes. Especialmente a aliança questionável da ciência com a técnica, resumindo aquele ideário a conquistas instrumentais do saber esclarecido. Apesar de considerarem que o Iluminismo tenha se exaurido no tempo, acreditam na permanência das suas lições de crítica da realidade¹⁴. Do outro lado, os pós-modernos denegam os valores da modernidade, tanto no que diz respeito ao aspecto social como cultural.

"Os pós-modernos críticos rejeitam a modernidade cultural porque a razão iluminista seria um simples agente da dominação e rejeitam, igualmente, a modernidade social, lugar da repressão política e econômica". (Rouanet 1987:219).

O abandono daqueles valores pode levar a um elogio do irracionalismo e à valorização de práticas sócio-políticas antidemocráticas, bem como a aceitação tácita do "progresso", redonda em uma atitude conservadora em relação ao horizonte aberto pelo pensamento moderno

O fenômeno da mundialização sugere uma padronização da vida em diversos lugares, por intermédio do processo de unificação dos objetivos técnicos e dos métodos de reprodução dos mecanismos de existência individual e coletiva. Tudo isso envolto por um multiculturalismo eclético e formal, como substrato do desprestígio da cultura teórico-especulativa. Temos, então, um cenário confuso no qual se apresentam de um lado o internacionalismo engendrado pela política e pela economia, e de outro o acirramento das contradições nacionais e étnicas em diversos continentes.

¹⁴ Enquanto escrevíamos este artigo, foi publicado na Alemanha o novo livro de Habermas - "A Inclusão do Outro - Estudos Sobre a Teoria Política" ("Die Einbeziehung des Anderen, Studien zur politischen Theorie"), editado pela Suhrkamp. A notícia bibliográfica foi dada por Jorge Grespan, no Jornal Folha de São Paulo de 26/10/97. Segundo Grespan "Trata-se, em primeiro lugar, de uma contraposição às concepções do pensador norte-americano John Rawls, enfatizando a diferença entre o liberalismo e um republicanismo inspirado em Kant, para em seguida discutir o tema kantiano da constituição de um Estado cosmopolita mundial à luz das questões atuais do nacionalismo e do recrudescimento dos particularismos, inclusive os xenófobos e racistas. Habermas oferece uma alternativa à solução dos pós-modernos para o problema da alteridade, apresentando uma perspectiva do "outro" como alguém que pode efetivamente ser integrado na sociedade moderna, ao ser reconhecido como agente de fala racional e competente. Neste sentido, o presente livro persegue o objetivo anterior de extrapolar o campo estritamente filosófico e demonstrar a relevância da Teoria do Agir Comunicativo também na fundamentação de uma teoria jurídica e política do Estado de direito".

“É assim que uma certa indiferenciação consecutiva da mundialização e da uniformização dos modos de vida, e por vezes de pensamentos abstratos, pode caminhar paralelamente ao acirramento de valores particulares que, quanto a eles, sofrem um investimento intenso por parte de alguns.” (Maffesoli, 1995:6-3).

Freqüentemente vemos surgirem os projetos que propugnam a formação de unidades político-econômicas, a União Européia por exemplo, e a luta encarniçada pelo direito de ocupação de territórios e preservação de tradições culturais (bascos, sérvios, galeses, etc.).

O progresso da ciência e da técnica parece estar criando um tipo de cosmopolitismo fora dos parâmetros do ideal humanista. Ao invés do prazer e da valorização da convivência, a indiferença e a frieza dos contatos esporádicos. O contentamento com relações passageiras e circunscritas ao território das “tribos”, priorizando o consenso baseado na “proxemia”, ou seja, tudo que se limita “ao próximo, familiar, cotidiano”. Referindo-se a um caso que aparentemente retrata o desolamento dos sujeitos na atualidade, temos a hiper-intromissão das redes informacionais que midiaticizam o dia-a-dia. A “realidade” produzida pelo simulacro informacional parece destituída da humanidade mínima necessária para que se usufrua do sopro cálido da vida. No caso específico da ilusão *internáutica*, um cenário bizarro apresenta uma cena tragicômica: o indivíduo isolado do convívio social atado aos cabos das *networks* que o projetam para além do impossível. Ao mesmo tempo em que se digere bilhões de dados, cuja finalidade nem sempre se explicita, a força criadora do indivíduo se dissipa nas infovias que não levam a lugar algum. A proximidade em tempo real de pessoas distantes, não tem propiciado o enlace promotor da proximidade afetiva. Ao contrário, vê-se um desperdício constante de energia vital e o desencantamento das relações humanas. As pessoas interconectadas neste ciberespaço não podem nem mesmo esconder o desconforto e a falta de prazer, mas como consolo fingem um quase-gozo de uma intimidade insípida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAGNANO, Nicola. *História da Filosofia*. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, Vol. II, 1979.
- _____. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ADORNO, T W e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- BOEHM, Max Hildebert. "Cosmopolitanism". In: *Enciclopaedia of the Social Sciences*. New York: The Macmillan Company. Volume Three. MCMXLII pp. 457-461.
- CHAUI, Marilena. "Kant: Vida e Obra". In: *Os Pensadores*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DEL CAMPO, Salustiano. *Diccionario de Ciencias Sociales*. Madrid: Unesco. Instituto de Estudios Politicos, 1975
- FINLEY, M. I. *Los Griegos de la Antigüedad*. Barcelona: Editorial Labor, S/d.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- GIANNOTTI, José A. "Kant e o Espaço da História". In: TERRA, Ricardo. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986. pp. 103-150.
- GRESPLAN, Jorge. "A Ineficácia da Dialética". In: <http://www.uol.com.br/fsp/mais/fs261006.htm>. 1997.
- HABERMAS, Juergen. *A Crise de Legitimação do Capitalismo Tardio*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1980.
- HELLER, Ágnes. *El Hombre del Renacimiento*. Barcelona: Ediciones Península, 1980.
- KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *Os Pensadores*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LEBRUN, G. "Uma Escatologia para a Moral". In: TERRA, Ricardo. *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 75-101.
- MAFFESOLI, Michel. "O Fim do Ideal Democrático". In: *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo: 19, mar, 1995. Caderno Mais (6), pg. 3.
- MARX, K e ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MOSTERIN, Jesús. *História de la Filosofía*. Madrid: Aliança Editorial, n° 5, 1985.

- MUGLIONI, Jean-Michel. "La Philosophie de l'Histoire de Kant". In: *Reveu Internationale de Philosophie Politique*, n° 2, Kant. Paris. PUF, 1992.
- PESSANHA, José Américo Motta. "Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio: Vida e Obra". In: *Os Pensadores. Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- RUNES, Dagoberi D. *Dicionario de Filosofia*. Barcelona: Grijalbo, 1969.
- TERRA, Ricardo.(Org.). *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- WEBER, Max. *Ciência e Política: Duas Vocações*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, S/d.